

PIB DO AGRONEGÓCIO MANTÉM QUEDA NO SEGUNDO TRIMESTRE, ACUMULANDO RECUO DE 3,5% EM 2024

O Produto Interno Bruto (PIB) do agronegócio brasileiro, calculado pelo Centro de Estudos Avançados em Economia Aplicada (Cepea), da Esalq/USP, em parceria com a Confederação da Agricultura e Pecuária do Brasil (CNA), recuou 1,28% no segundo trimestre de 2024, acumulando queda de 3,50% no ano (Tabelas 1 e 2).

Entre os segmentos do setor, quando se compara os dois primeiros trimestres de 2024, o PIB registrou queda para os insumos (-2,68%), para o segmento primário (-1,77%), para as agroindústrias (-0,62%) e para os agrosserviços (-1,15%) – ver Tabela 2. Os desempenhos dos segmentos foram impactados pela redução do valor bruto da produção, pressionado, por sua vez, sobretudo pelas quedas nos preços e, em alguns casos, pela menor produção esperada para o ano, como ocorreu com os insumos agrícolas e com o primário agrícola.

Pela perspectiva dos ramos do agronegócio, os cenários foram de queda para o agrícola (-1,22%) e para o pecuário (-1,20%) no segundo trimestre de 2024. No ramo agrícola, o PIB recuou para insumos (-3,44%), para a agroindústria (-0,97%) e para os agrosserviços (-1,40%) e permaneceu praticamente estável para o primário (-0,67%); no ramo pecuário, o PIB caiu para o primário (-3,74%), permaneceu praticamente estável para os insumos (-0,69%) e para os agrosserviços (-0,16%) e avançou para a agroindústria (0,99%) – ver Tabela 2.

Já em termos acumulados, conforme mostra a Tabela 1, considerando-se os desempenhos nos dois primeiros trimestres do ano, foram observados queda para o ramo agrícola (-5,10%) e pequeno crescimento para o pecuário (0,50%).

Tabela 1. PIB do Agronegócio: Taxa de variação acumulada no período (%)

	Insumos	Primário	Agroindústria	Agrosserviços	Total
Agronegócio	-8,13	-5,11	-1,93	-2,74	-3,50
Ramo agrícola	-11,00	-4,69	-3,79	-5,39	-5,10
Ramo pecuário	-1,30	-5,92	5,29	3,78	0,50

Fonte: Cepea/USP e CNA

Tabela 2. PIB do Agronegócio: Taxa de variação trimestral (%)

	Insumos	Primário	Agroindústria	Agrosserviços	Total
Agronegócio	-2,68	-1,77	-0,62	-1,15	-1,28
Ramo agrícola	-3,44	-0,67	-0,97	-1,40	-1,22
Ramo pecuário	-0,69	-3,74	0,99	-0,16	-1,20

Fonte: Cepea/USP e CNA

O segmento insumos recuou 8,13% nos primeiros seis meses do ano, quando comparado a igual período de 2023. No caso do segmento insumo agrícola, a redução de 11,0% do PIB refletiu os resultados das indústrias de fertilizantes, defensivos e máquinas agrícolas, que tiveram seus resultados pressionados tanto pelas quedas das cotações quanto

das produções – como são os casos das indústrias de defensivos e máquinas agrícolas. Para os insumos pecuário, a redução foi de 1,3% resultado exclusivamente da retração observada na indústria de rações – menores preços, uma vez que se projeta maior valor da produção para a indústria de medicamentos para animais.

Para o segmento primário, o recuo é de 5,11% no primeiro semestre. No caso do segmento primário agrícola, a redução de 4,69% do PIB refletiu os menores preços e perspectivas de menor produção para a safra 2024 de importantes produtos agrícolas, com destaque para milho, soja e trigo. Já no primário pecuário, a queda de 5,92% do PIB decorreu do menor valor da produção esperado para o ano, mesmo em um cenário de alívio dos custos com insumos. Essa queda do valor da produção, por sua vez, se deve aos menores preços na comparação com o primeiro semestre de 2023, uma vez que se projeta expansão de produção para todas as atividades pecuárias acompanhadas – com exceção do frango para corte.

Para o PIB do segmento agroindustrial, a queda de 1,93% no primeiro semestre de 2024 decorreu da redução para as agroindústrias de base agrícola (-3,79%), tendo em vista o crescimento para as de base pecuária (5,29%). Na indústria agrícola, o PIB diminuiu principalmente por conta da redução no valor da produção esperado para o ano, influenciada pelos preços reais mais baixos (com destaques negativos para os biocombustíveis e os óleos vegetais), uma vez que se projeta maior produção para o ano. Em contraste, o PIB da indústria pecuária aumentou, devido à projeção de expansão da produção no ano, já que os preços caíram.

Por fim, os resultados dos agrosserviços (-2,74%) no primeiro semestre de 2024 decorreu da redução para os agrosserviços de base agrícola (-5,39%), visto o crescimento para os de base pecuária (3,78%). No ramo agrícola, a queda acumulada no semestre reflete os comportamentos dos demais segmentos, especialmente dos insumos e do primário. No ramo pecuário, o crescimento no acumulado no semestre (3,78%) decorreu da maior produção esperada para o ano dos segmentos a montante, dentro e fora da porteira.

Considerando-se os desempenhos do agronegócio, seus ramos e seus segmentos nos dois primeiros trimestres, a Tabela 3 apresenta as estimativas para os valores monetários anuais do PIB em 2024. Com base nesse desempenho parcial, o PIB do agronegócio brasileiro pode alcançar R\$ 2,50 trilhões em 2024, sendo 1,74 trilhão no ramo agrícola e 759,82 bilhões no ramo pecuário (a preços do segundo trimestre de 2024). Considerando-se essa projeção e o comportamento do PIB brasileiro no período, estima-se que a participação do setor na economia fique próxima de 21,8% em 2024, abaixo dos 24,0% registrados em 2023.

Tabela 3. PIB do Agronegócio, seus ramos e segmentos (em R\$ milhões do segundo trimestre de 2024*) – observado para 2023 e estimativas para 2024 com base em informações até junho

		PIB (em R\$ milhões reais*)	
		2023	2024*
Agronegócio	Insumos	151.336	127.727
	Primário	745.594	671.276
	Agroindústria	625.860	601.877
	Agrosserviços	1.165.931	1.102.944
	Total agronegócio	2.688.721	2.503.825
Ramo agrícola	Insumos	108.199	85.701
	Primário	485.684	441.233
	Agroindústria	502.733	465.379
	Agrosserviços	839.803	751.692
	Total ramo agrícola	1.936.419	1.744.005
Ramo pecuário	Insumos	43.136	42.026
	Primário	259.910	230.043
	Agroindústria	123.127	136.498
	Agrosserviços	326.128	351.252
	Total ramo pecuário	752.302	759.820

Fonte: Cepea/USP e CNA. * Valores deflacionados pelo deflator implícito do PIB.

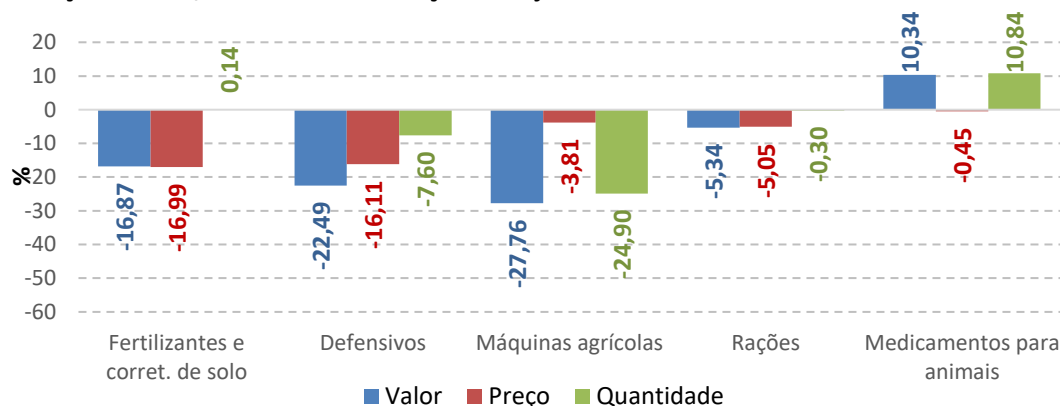
SEGMENTO DE INSUMOS: PIB do segmento influencia queda no segundo trimestre

No segundo trimestre de 2024, o PIB do segmento de insumos do agronegócio caiu 2,68% (Tabela 2). No acumulado do ano, a queda foi de 8,13% (Tabela 1). O resultado reflete o desempenho das atividades de fertilizantes e corretivos de solo, defensivos, máquinas agrícolas e rações, cujas dinâmicas estão dispostas na Figura 1.

A projeção para a indústria de fertilizantes e corretivos de solo aponta uma redução de 16,87% no valor bruto da produção anual, resultado de uma queda de 16,99% nos preços reais dos produtos, ao comparar os valores médios do primeiro semestre de 2024 com os de 2023. Em contraste, a produção anual deve registrar leve aumento de 0,14%, sugerindo estabilidade. Em 2022, os preços dos fertilizantes atingiram patamares recordes, devido à suspensão das exportações de importantes insumos para a produção de fertilizantes – como potássio, nitrogênio e fósforo –, face às sanções às quais foi submetida a Rússia, um dos principais fornecedores mundiais desses produtos. No entanto, a retomada das exportações russas contribuiu, ao menos em parte, para a refreada dos preços, haja vista a ampliação da oferta global. É importante destacar que, embora ainda não refletido nos resultados apresentados neste relatório, que utiliza dados até o primeiro semestre do ano, o aumento das tensões geopolíticas no Oriente Médio já está impulsionando as cotações dos fertilizantes, pois eleva o risco de interrupção na oferta de produtos essenciais, como ureia e cloreto de potássio. Esse movimento deverá se refletir nos próximos relatórios do PIB do Agronegócio. No cenário interno, outros fatores também pressionam os preços, como o

ritmo mais lento de compras pelos agricultores. Por exemplo, levantamento da equipe de Custos Agrícolas/Cepea mostra que, até o encerramento do primeiro semestre, pouco mais de 70% dos fertilizantes utilizados nas principais regiões produtoras do Brasil haviam sido adquiridos, contra cerca de 80% em 2021 e 2022. Ademais, as desvalorizações dos grãos e do Real em relação ao dólar contribuem para esse desempenho.

Figura 1. Insumos: variação (%) anual do volume, dos preços reais e do valor bruto da produção – 2024/2023 com informações até junho



Fontes: Cepea/USP e CNA (a partir de dados do IBGE, IEA, Anda e Sindirações).

No caso da indústria de defensivos, espera-se queda de 22,49% no valor bruto da produção anual, resultado da queda de 16,11% nos preços reais, comparando os semestres iguais, e da diminuição de 7,60% na produção anual esperada. Esse movimento de baixa nos preços vem ocorrendo desde 2023, influenciado pelos estoques elevados por conta do alto volume de importações durante o período de valorização do Real frente ao dólar. Em relação a previsões anteriores, há indícios de recuperação na indústria de defensivos, motivada pela expectativa de aumento da produção até o fim do ano, em função da expansão da área tratada no Brasil, que cresceu 9,3%, somando mais de 1 bilhão de hectares, de acordo com o Sindiveg. Parte desse aumento está associada às condições climáticas adversas, que estimulam o uso de defensivos.

Para a indústria de máquinas agrícolas, projeta-se queda de 27,76%, influenciada pela baixa de 3,81% nos preços reais entre semestres iguais e, principalmente, pela redução prevista de 24,90% na produção anual. O setor tem enfrentado uma retração ao longo deste ano, em razão do alto patamar em que se encontram as taxas de juros, bem como da diminuição nos preços das commodities, resultando em uma queda significativa nas vendas de máquinas, com muitos agricultores adiando novos investimentos. No entanto, espera-se que a demanda se recupere no segundo semestre, à medida que as condições do mercado agrícola melhorarem. Conforme a Abimaq, as empresas do setor estão focadas em diversificação e inovação para superar os desafios atuais e se adaptar a um cenário econômico mais complexo.

Na indústria de rações, a projeção indica queda de 5,34% do valor bruto de produção anual, como resultado das retrações de 5,05% dos preços reais na comparação entre semestre iguais e de 0,30% da produção anual esperada. A diminuição dos preços está relacionada a desvalorizações de commodities como soja e milho, que, por sua vez, são importantes insumos na produção de rações. Ressalta-se que essa desvalorização ajudou a reduzir os custos de alimentação animal no campo.

O desempenho das atividades do segmento de insumos está fortemente relacionado ao setor primário, que será analisado em detalhe a seguir. Em relação aos insumos agrícolas, notou-se queda nos preços reais, indicando possível redução nos custos de produção para os agricultores e, em termos gerais, melhoria nas relações de troca. No entanto, é importante considerar o desempenho das culturas, que têm enfrentado quebras de safras e quedas acentuadas nos preços. No que se refere aos insumos pecuários, especialmente as rações para animais, a redução dos preços pode proporcionar alívio às margens dos pecuaristas, particularmente aqueles que vêm enfrentando altos custos de alimentação animal há algum tempo.

SEGMENTO PRIMÁRIO: Queda nos preços continua pressionando os PIBs agrícola e pecuário em 2024

O PIB do segmento primário do agronegócio recuou 1,77% no segundo trimestre de 2024, acumulando queda de 5,11% no primeiro semestre. Esse resultado reflete o que se observa para o segmento primário agrícola: retração de 0,67% no segundo trimestre, resultando em queda acumulada de 4,69% no semestre; e para o segmento primário pecuário, a baixa de 3,74% no segundo trimestre, acumulando recuo de 5,92% na parcial do ano (Tabelas 1 e 2).

No caso agrícola, embora tenha se observado diminuição nos custos com insumos – em meio às quedas dos preços de fertilizantes, defensivos, sementes e combustível –, os menores preços e a expectativa de queda na produção de importantes culturas pressionaram o desempenho do PIB. Já no ramo pecuário, espera-se aumento na produção e, conseqüentemente, na oferta de produtos, porém os menores preços exercem pressão sobre a expectativa do valor bruto da produção.

Especificamente, para o segmento primário agrícola, considerando-se a média ponderada das diversas culturas acompanhadas, espera-se queda de 10,34% do valor bruto da produção anual, com preços médios 6,94% menores no primeiro semestre de 2024 (frente ao primeiro semestre de 2023) e redução esperada de 3,64% na produção. Para os preços, as principais retrações foram para algodão, milho, soja, trigo, entre outros. Já para a produção, as principais quedas foram para milho, soja e trigo. Em geral, os preços subiram para os hortifrutícolas acompanhados, mas caíram para os grãos, que detêm maior peso na formação do PIB.

No segmento primário pecuário, também considerando a média ponderada das atividades acompanhadas, espera-se redução 4,92% no valor bruto da produção anual. Em média, os preços no primeiro semestre de 2024 foram 14,22% menores que os do mesmo semestre de 2023, pressionados principalmente por bovinos (para corte e para leite), suínos e ovos. Para a produção da pecuária, a média ponderada indica avanço de 10,84%, com resultado positivo para bovinocultura (para corte e para leite) e avicultura de postura, ao passo que, para frango para corte e suínos, espera-se estabilidade na produção do ano na comparação com 2023.

A Tabela 4 detalha os resultados específicos do segmento por atividades agrícolas. Entre as culturas do segmento primário agrícola acompanhadas pelo Cepea, espera-se crescimento do valor bruto da produção em 2024 para: arroz, banana, batata, cacau, café, laranja, tomate, uva e madeira para celulose. Já as culturas para as quais se espera queda no valor bruto da produção são: algodão, cana-de-açúcar, feijão, fumo, mandioca, milho, soja, trigo, madeira em tora e lenha/carvão.

Na cultura do arroz, o crescimento esperado do valor bruto da produção (32,37%) está relacionado ao aumento das cotações do produto (25,44%) entre janeiro e junho de 2023 e 2024 e à maior produção prevista (5,52%). De acordo com a Conab, o aumento na produção se deve à expansão da área cultivada, tanto de arroz irrigado quanto de sequeiro, especialmente em Mato Grosso (sequeiro) e nas regiões irrigadas de Tocantins, Goiás, Minas Gerais, Mato Grosso do Sul e Rio Grande do Sul. Essa expansão, por sua vez, foi incentivada pela expectativa de melhores preços. No entanto, os recentes eventos climáticos extremos no Rio Grande do Sul resultaram em perda de áreas e produtividade das lavouras, limitando o aumento da produção. A Companhia ressalta que, no Rio Grande do Sul, apesar da crise causada pelas inundações, alagamentos e enxurradas, a colheita já estava quase concluída, e as lavouras plantadas dentro do período recomendado alcançaram produtividade bem acima da média. As lavouras semeadas dentro do período tolerado tiveram uma produtividade próxima da média. No entanto, as lavouras plantadas fora da janela recomendada foram as mais afetadas, tanto em termos de produtividade quanto pelos efeitos das chuvas, levando à perda total de várias áreas. Além disso, a Emater/RS relatou que as fortes chuvas interromperam frequentemente a colheita, causando acamamento e inundações extensas. O prejuízo foi pior em áreas onde o cereal já estava maduro há semanas, prejudicando a qualidade dos grãos, devido aos ciclos de umedecimento e secagem. Conforme a equipe Arroz/Cepea, os preços do arroz tiveram forte elevação em 2023, especialmente no segundo semestre, sustentados pela redução dos estoques de passagem. No entanto, no primeiro trimestre de 2024, as cotações apresentaram trajetória de queda significativa, influenciadas pela sazonalidade da oferta, pela colheita em andamento nas principais regiões produtoras do Mercosul e pela demanda retraída. A partir de abril, os preços avançaram, apesar do ritmo lento dos negócios, devido ao cenário incerto e à ausência de vários agentes do mercado por conta da diferença de preços entre compradores e vendedores e entre as diferentes regiões acompanhadas pelo Cepea. Em junho, a demanda internacional aquecida manteve os preços firmes, mas a menor saída de arroz beneficiado para grandes centros nacionais limitou a liquidez e os aumentos nos valores da matéria-prima. A equipe do Cepea destaca que as tempestades no Rio Grande do Sul, com fortes chuvas e inundações, interromperam as negociações de arroz em casca ao dificultar a logística de escoamento, gerando preocupações e adiando novos acordos. Essas condições também afetaram o carregamento de matéria-prima, agravando a situação.

No caso da banana, o avanço projetado para o valor bruto da produção real (7,32%) é explicado pelos maiores preços reais (7,16%) na comparação entre semestres iguais, visto a estabilidade na produção esperada para 2024 (0,15%). De acordo com a equipe Hortifrúti/Cepea, a diminuição da oferta de banana nas principais regiões produtoras monitoradas pelo Centro de Pesquisas resultou em aumento nas cotações no primeiro trimestre de 2024. As altas temperaturas no final do ano passado e os ventos fortes que danificaram parte dos bananais no Vale do Ribeira (SP) – um dos maiores produtores – levaram à queda de alguns pés. Entretanto, no segundo trimestre, as cotações foram pressionadas pela maior oferta, com o volume disponível elevado no período. A equipe também destacou que a safra deste ano está controlada, devido ao impacto do clima adverso.

Em relação à batata, projeta-se forte expansão no valor bruto da produção real (88,61%), atribuída principalmente aos preços reais mais altos (88,47%) ao comparar os períodos de janeiro a junho de 2023 e 2024, considerando-se a estabilidade da produção esperada para 2024 (0,07%). De acordo com a equipe Hortifrúti/Cepea, houve tendência de queda nos preços no primeiro trimestre de 2024, devido ao aumento da área de colheita e à

maior oferta no período. Paralelamente, a produtividade das plantações melhorou progressivamente no trimestre, beneficiada pelas condições climáticas durante o período de crescimento. Apesar do aumento da produção, as altas temperaturas em março afetaram a qualidade dos tubérculos, reforçando a pressão sobre os preços. No segundo trimestre, os preços apresentam movimentos de alta e permaneceram em patamares elevados, resultado direto da queda na oferta nacional. A menor disponibilidade é atribuída à finalização das colheitas nas regiões produtoras da safra das águas e ao volume ainda baixo das secas. A equipe do Cepea ainda ressalta que: i) o Paraná teve quebra de safra em decorrência do calor intenso e de chuvas irregulares; ii) no Rio Grande do Sul, desastres climáticos atrasaram a colheita em maio, agravando a escassez e aumentando o valor do tubérculo; iii) outras regiões produtoras colheram menos do que o esperado.

Na cultura do café, espera-se expansão no valor bruto da produção, de 3,23%, impulsionada por um crescimento de 3,76% nos preços reais, na comparação entre janeiro a junho de 2023 e 2024, visto a estabilidade na produção esperada para 2024 (-0,51%). De acordo com a Conab, a estabilidade na produção se deve aos movimentos opostos observados no cultivo do café arábica e do café conilon. No caso do arábica, é projetado aumento na produção devido à expansão da área em produção. Em contrapartida, para o conilon, prevê-se redução tanto na área em produção quanto na produtividade. Este cenário persistiu mesmo em um ano de bienalidade positiva. Especificamente para o robusta, a colheita de 2023/24 no Espírito Santo, que é o maior produtor da variedade no Brasil, não foi satisfatória, e o desenvolvimento da safra 2024/25 enfrenta desafios climáticos. No que diz respeito aos preços, a equipe Café/Cepea destaca que eles apresentaram trajetória de alta nos primeiros três meses de 2024. Isso se deve à iminência da colheita da safra 2024/25 e às especulações em torno da produção e dos estoques mundiais. A demanda internacional elevada pelo café robusta, particularmente em função dos problemas na safra vietnamita e do impacto dos ataques a navios no Mar Vermelho, também reforçou o aumento dos preços no Brasil. No segundo trimestre, as cotações continuaram a trajetória de alta. No caso do arábica, o impulso veio do câmbio, de preocupações quanto aos estoques globais do grão, da possibilidade de menor oferta global e, sobretudo, das intensas valorizações do robusta. Por sua vez, as cotações do robusta estão em movimento de alta desde o último trimestre de 2023, influenciadas pela aquecida demanda internacional pela variedade brasileira. A equipe do Cepea destaca que, apesar do progresso da colheita no Brasil e do consequente aumento da oferta, os preços permanecem em patamares recordes reais. O avanço na colheita poderia exercer pressão nos preços, mas a expectativa de menor disponibilidade na Ásia tem feito com que a colheita não tenha força para pressionar os preços no Brasil de forma mais consistente.

No caso da laranja, o crescimento do valor bruto da produção esperado (59,33%) é reflexo das altas nas cotações do produto na comparação entre semestres iguais (63,28%), uma vez que se espera queda na produção anual (-2,42%). Segundo a equipe Hortifrúti/Cepea, os preços elevados resultam tanto da limitada oferta quanto da alta demanda no primeiro trimestre. Durante esse período, além do processamento industrial consumir uma grande parte do volume de frutas disponíveis, era o momento de “entressafra”. A equipe salienta que, a partir de fevereiro, a combinação de disponibilidade reduzida e preços altos incentivou alguns produtores a começarem a colheita precoce, visando atender às necessidades do mercado. Em abril, os preços caíram devido ao aumento no volume de variedades precoces, à intensificação da colheita da tangerina poncã e ao menor consumo, já que as temperaturas ficaram mais amenas em relação aos meses anteriores. Nos meses seguintes, os preços voltaram a subir por causa da previsão de colheita

menor e da alta demanda das fábricas (aumentando a competição entre as processadoras e o mercado).

Para o tomate, projeta-se crescimento de 35,95% no valor bruto da produção com base nas informações até junho. Esse aumento deve-se aos preços reais, que estavam 23,72% mais elevados em relação ao mesmo período do ano anterior, além de uma previsão de elevação de 9,89% na produção anual. Segundo a equipe Hortifrúti/Cepea, no primeiro trimestre do ano, os preços foram impulsionados pela menor oferta – temperaturas médias mais baixas reduziram o ritmo de maturação –, por conta de produtividades abaixo do potencial em algumas regiões – devido ao excesso de chuvas entre setembro e novembro/23. No segundo trimestre, os preços permaneceram elevados, sustentados pelo fim da safra de verão e pela baixa produtividade da safra de inverno, apesar de sua intensificação. A equipe do Cepea destaca que os produtores enfrentam desafios com a produção, devido à infestação da mosca-branca, que foi influenciada pelo clima seco e altas temperaturas. A praga tem migrado entre culturas, e a expansão significativa da área de soja nos últimos anos impediu a interrupção de seu ciclo, resultando no aumento da população. A mosca-branca, que, no passado, causou grandes prejuízos à tomaticultura e havia deixado de ser um problema relevante, voltou a preocupar. Além disso, as fortes chuvas no Rio Grande do Sul na transição de abril para maio afetaram as lavouras de tomate, com inundações e contaminação por bactérias.

Com relação à cultura do algodão, a queda do valor bruto da produção anual esperado (-2,43%) decorre dos menores preços reais do produto (-15,27%), na comparação entre semestres, uma vez que se espera maior produção em 2024 (15,16%). De acordo com a Conab, a produção de algodão deve alcançar recorde histórico devido à expansão das áreas cultivadas. Projeta-se queda na produtividade, causada pela irregularidade das chuvas e por instabilidade climática em alguns estados produtores no final de 2023. A Companhia ressalta que a boa rentabilidade do algodão e as condições climáticas favoráveis incentivaram os produtores a investirem mais na cultura. Segundo a equipe Algodão/Cepea, houve avanço das cotações ao longo do primeiro trimestre de 2024, embora os patamares tenham sido inferiores aos do primeiro trimestre de 2023. Os preços foram impulsionados pelas significativas valorizações externas e pela ativa demanda interna. A equipe do Cepea ressalta que o considerável excedente brasileiro pode posicionar o Brasil como o maior exportador mundial de algodão em pluma. Entretanto, em abril e maio, as cotações recuaram, devido à queda nos preços internacionais e à maior flexibilidade de alguns vendedores. As cotações externas foram pressionadas pela expectativa de boa safra nos Estados Unidos, beneficiada pelo clima (chuvas). Além disso, a demanda global enfraquecida, somada à queda nos preços do petróleo, à inflação e às altas taxas de juros, também aumentou a pressão sobre os preços. Em relação à maior flexibilidade dos vendedores, eles se mantiveram atentos às fortes desvalorizações externas, aos estoques de passagem, à previsão de outra safra robusta e à liquidação do saldo remanescente da temporada 2022/23. Algumas indústrias chegaram a oferecer valores ainda menores para novas aquisições no mercado *spot*, intensificando a pressão sobre os preços internos da pluma. No entanto, parte dos vendedores manteve suas posições firmes, e alguns compradores ofereceram preços mais altos por pluma de qualidade superior, limitando quedas mais acentuadas nos preços. Em junho, embora os preços tenham oscilado no mercado, as altas predominaram, devido à postura firme dos vendedores e ao aumento pontual da demanda. No lado da oferta, a disponibilidade de pluma no *spot* ainda era limitada por conta do fim da temporada 2022/23 e da chegada ainda incipiente da nova safra 2023/24.

No caso da cana-de-açúcar, a menor produção projetada para 2024 (-3,28%) e a redução nos preços (-2,49%), na comparação entre janeiro a junho de 2024 frente ao mesmo período de 2023, explicam a queda do valor bruto da produção esperado (-5,69%) para o ano. Segundo a Conab, a queda na produção prevista se deve às expectativas de menor produtividade em várias regiões, causadas por condições climáticas adversas, como falta de chuva e calor extremo. Por outro lado, a Companhia destaca que a área colhida na safra 2024/25 está estimada para aumentar em relação ao ciclo anterior, justificado especialmente pelo fato de que áreas encaminhadas para renovação no último ciclo devem entrar em produção nessa safra. Ressalta-se que a colheita e a moagem da cana-de-açúcar têm sido favorecidas pelas boas condições climáticas. Com relação aos preços da cana, a queda deve refletir as reduções observados para o açúcar e para os biocombustíveis, conforme será discutido na seção desse relatório sobre a agroindústria.

Tabela 4. Agricultura: Variação (%) anual do volume, dos preços reais e do valor bruto da produção – 2024/2023 com informações até junho

	Valor	Preço	Quantidade
Algodão	-2,43	-15,27	15,16
Arroz	32,37	25,44	5,52
Banana	7,32	7,16	0,15
Batata	88,61	88,47	0,07
Cacau	177,19	174,17	1,10
Café	3,23	3,76	-0,51
Cana	-5,69	-2,49	-3,28
Feijão	-10,36	-16,22	7,00
Fumo	-10,86	-2,00	-9,04
Laranja	59,33	63,28	-2,42
Mandioca	-47,42	-46,99	-0,82
Milho	-26,19	-15,88	-12,26
Soja	-23,31	-19,54	-4,67
Tomate	35,95	23,72	9,89
Trigo	-11,22	-18,38	8,78
Uva	7,47	24,31	-13,55
Madeira tora*	-6,83	2,72	-9,30
Madeira p/ Celulose	15,51	9,39	5,60
Lenha/carvão	-17,20	-12,94	-4,90

Fontes: Cepea/USP e CNA (a partir de dados do IBGE, Conab, IEA/SP, Cepea, Seagri/BA, Epagri, Consecana).

Em relação ao milho, a projeção de diminuição de 26,19% no valor bruto da produção é consequência da queda de 15,88% nos preços reais, quando comparados os primeiros semestres de 2024 e de 2023, e da redução de 12,26% na produção anual esperada. De acordo com a Conab, a previsão de menor produção está atrelada à redução da área cultivada, especialmente na segunda safra, e à expectativa de menor produtividade. Para a primeira e a segunda safras, na maioria dos estados produtores, as produtividades foram inferiores às obtidas no último ciclo, influenciadas por condições climáticas adversas que têm comprometido o potencial produtivo da cultura. Na primeira safra, uma das exceções foi o Rio Grande do Sul, que se destacou com significativa recuperação de produtividade, e os

estados da região Norte, que também registraram aumentos nos rendimentos. Já na segunda safra, a produtividade variou conforme o pacote técnico utilizado e a época de plantio. Plantios dentro da janela ideal, de janeiro a meados de fevereiro, apresentaram produtividades satisfatórias, superando até a safra anterior, devido à regularidade das chuvas. No entanto, Paraná, São Paulo e Mato Grosso do Sul enfrentaram perdas causadas por veranicos, altas temperaturas e ataques de pragas em março e abril, comprometendo o potencial produtivo. Adicionalmente, há redução prevista na área, por conta dos altos custos de produção e da redução do preço do grão nos últimos tempos, o que resultou em migração para culturas mais rentáveis, destacando-se entre essas a soja na primeira safra. Para a terceira safra, chuvas bem distribuídas na maioria das áreas agrícolas têm beneficiado o crescimento das culturas em quase todas as regiões produtoras. No que diz respeito aos preços, a equipe Milho/Cepea indica que apresentaram trajetória de queda no primeiro trimestre de 2024. Esse cenário resulta em margens reduzidas, o que, combinado com as incertezas sobre os efeitos do El Niño sobre a produtividade, diminui o interesse dos agricultores no plantio de milho. De modo geral, as negociações no mercado brasileiro de milho estiveram enfraquecidas, tanto no *spot* quanto para entregas futuras, e os preços registraram leves variações. Compradores mostraram pouco interesse em adquirir volumes do cereal, enquanto vendedores focaram nos trabalhos de campo, com a colheita da safra de verão avançando e a semeadura da segunda temporada 2023/24 na reta final. No segundo trimestre, os preços foram pressionados pela demanda enfraquecida, pelo avanço da colheita da safra verão no Brasil, pelo bom desenvolvimento da segunda safra e pelas estimativas apontando produção mundial elevada. Entretanto, apesar do avanço da colheita, a oferta do cereal esteve limitada no *spot* nacional, com produtores atentos aos possíveis impactos do clima quente e seco sobre as lavouras especialmente do Sul, Sudeste e de partes do Centro-Oeste. No mercado externo, os preços também recuaram, pressionados pelo avanço da semeadura nos Estados Unidos, pelo bom avanço da colheita da segunda safra no Brasil e pelas estimativas divulgadas pelo USDA indicando boa produção mundial. Entretanto, temores com o clima desfavorável no Meio-Oeste dos Estados Unidos durante parte do mês limitaram as quedas.

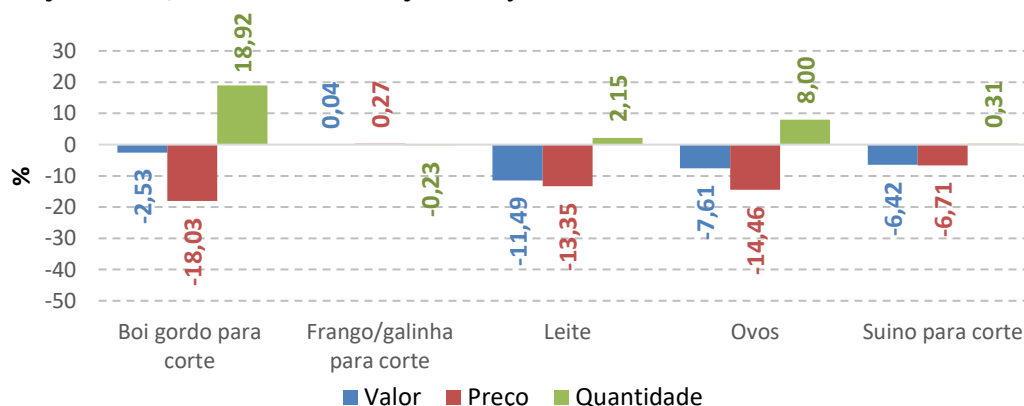
Para a soja, a redução projetada no valor bruto da produção é de 23,31%, o que resultou da produção esperada 4,67% menor e da queda nos preços reais de 19,54% na comparação entre janeiro a junho de 2023 e de 2024. Segundo a Conab, a redução na produção deve-se à diminuição na produtividade causada por condições climáticas desfavoráveis no período de plantio e crescimento da cultura, que sofreu com a irregularidade das chuvas. No que se refere aos preços, a equipe Soja/Cepea destaca que, até fevereiro, mesmo com problemas climáticos em diversas regiões do Brasil e com produção nacional abaixo do inicialmente estimado, a oferta ainda superou a demanda, pressionando os preços. A disponibilidade da soja não estava tão restrita, e houve um volume baixo de soja comprometida com vendas futuras. No entanto, em março, o aumento da demanda levou a um maior volume de negociações envolvendo a soja, elevando os preços. No segundo trimestre, as cotações mantiveram o comportamento altista, impulsionadas pelas maiores demandas doméstica e externa, pela valorização externa, pela alta nos prêmios de exportação e pela desvalorização do Real frente ao Dólar.

Para o trigo, a redução dos preços na comparação entre janeiro a junho de 2023 e de 2024 (-18,38%) explica a projeção de queda do valor bruto da produção (-11,22%). Em relação à produção, projeta-se crescimento (8,78%), impulsionado pela expectativa de maior produtividade, mesmo com a redução da área de cultivo, que havia aumentado nas últimas quatro safras, registrando crescimento superior a 70% entre 2019 e 2023. Segundo a Conab

e pesquisadores do Cepea, os menores patamares de preços do cereal, na comparação com 2023, somados a incertezas climáticas, aos aspectos do seguro agrícola da cultura – caro e com cobertura muito aquém do custo de produção – e aos altos custos explicam o recuo no cultivo com a cultura. Com relação aos preços, a equipe Trigo/Cepea destaca que, embora os dados oficiais apontem produção mundial de trigo na safra 2023/24 inferior à demanda, houve tendência de queda nas cotações internas e externas do grão no primeiro trimestre do ano. As transações no Brasil foram, em sua maioria, pontuais nesse período, uma vez que os produtores estavam concentrados na safra de verão e os compradores procuravam trigo de alta qualidade. Segundo a equipe do Cepea, houve forte aumento nas importações brasileiras de trigo no primeiro trimestre do ano. Isso ocorreu porque, apesar de muitos operadores de moinhos estarem bem abastecidos, os compradores ativos no mercado spot procuraram trigo de qualidade superior, que estava escasso no mercado interno devido ao clima adverso que afetou a safra nacional. Como consequência, os demandantes acabaram comprando o cereal de outros países, principalmente do Mercosul. No segundo trimestre, os preços do trigo se mantiveram firmes no Brasil, sustentados pelos menores estoques. Em 2024, além da menor disponibilidade doméstica, os valores do cereal foram influenciados também pela retração de produtores, pela elevação da paridade de importação e pelo ambiente externo – os estoques mundiais da safra 2024/25 tendem a cair pelo terceiro ano consecutivo. A equipe do Cepea destaca que, em certos períodos, as vendas fracas das farinhas de trigo no Brasil restringiram o aumento dos preços da matéria-prima.

Na Figura 2 constam as dinâmicas observadas para o segmento primário do ramo da pecuária. Considerados dados até junho, as projeções indicam variações negativas para todas as atividades, com exceção da avicultura para corte, cujo desempenho indica estabilidade. A seguir, apresentam-se as análises detalhadas de cada atividade do segmento.

Figura 2. Pecuária: Variação (%) anual do volume, dos preços reais e do valor bruto da produção - 2024/2023 com informações até junho



Fonte: Cepea/USP e CNA (a partir de dados do Cepea e IBGE).

A projeção para a bovinocultura de corte indica retração de 2,53% no valor bruto da produção anual, resultado da queda de 18,03% nos preços reais, ao comparar os primeiros semestres de 2024 e 2023, apesar de um aumento de 18,92% na produção anual esperada. A expansão da oferta, que tem pressionado as cotações da arroba bovina, se deve ao ciclo pecuário, que atingiu seu auge com o descarte de fêmeas. A queda nos preços tem causado insatisfação entre os pecuaristas, que enfrentam custos crescentes para produzir carne. Durante o segundo trimestre, o mercado de boi gordo seguiu, em grande parte, a tendência

de baixa. Em abril, os pecuaristas resistiram às vendas, buscando reajustes de preços em um mercado interno enfraquecido, embora as exportações aquecidas tenham alcançado níveis recordes para o período. Em maio, o fim da safra aumentou a oferta de animais devido à queda das temperaturas e à falta de chuvas, pressionando ainda mais os preços, com frigoríficos já abastecidos e produtores insatisfeitos com a remuneração. Em junho, porém, houve recuperação nos valores, impulsionada pela redução significativa na oferta de animais para abate.

No caso da bovinocultura leiteira, espera-se redução de 11,49% no valor bruto da produção anual, resultado de uma queda de 13,35% nos preços reais ao comparar semestres equivalentes, apesar da expectativa de aumento de 2,15% na produção anual. Embora tenham caído em relação ao ano anterior, o preço do leite captado no campo registrou aumentos consecutivos ao longo do ano, sendo junho o oitavo mês seguido de alta. Esse movimento de avanço nos preços é explicado pela menor oferta de leite no campo, causada por baixos investimentos e condições climáticas adversas, como as enchentes no Rio Grande do Sul, que afetaram significativamente a oferta na região, dada sua importância no abastecimento de outros estados, especialmente entre abril e julho, período de entressafra nas regiões Sudeste e Centro-Oeste. Segundo pesquisadores da equipe Leite/Cepea, a oferta deve aumentar consideravelmente, o que pode pressionar os preços a partir do terceiro trimestre, considerando a recuperação da captação de leite em junho.

Para a avicultura para corte, a projeção indica estabilidade do valor bruto de produção anual, com sutil variação de 0,04%. O resultado reflete os movimentos antagônicos de preço, com crescimento de 0,27% na comparação entre semestres iguais, e da produção anual esperada, com recuo de 0,23%. De acordo com a equipe de Aves/Cepea, no segundo trimestre, os preços do frango vivo apresentaram queda importante em relação ao imediatamente anterior, apesar do movimento de recuperação em junho frente a maio. Em abril, houve desvalorizações generalizadas – com única exceção da praça de Toledo (PR) –, devido à baixa demanda e à oferta elevada, levando frigoríficos a adotarem cautela nas aquisições de frangos vivos. Em maio, a demanda permaneceu enfraquecida, provocando a continuidade do movimento de desvalorização, exceto durante a semana anterior ao Dia das Mães, quando houve um pequeno aumento na liquidez, que refreou a queda. Já em junho, o comportamento dos preços foi heterogêneo entre as diferentes praças acompanhadas pelo Cepea, contudo, suficiente para garantir a reação na média mensal. Nesse sentido, o que se verifica é certa estabilidade no mercado de aves de corte, com a manutenção da produção anual aos patamares do ano anterior.

No caso da avicultura de postura, é projetada redução de 7,61% no valor bruto da produção anual, resultado da queda de 14,46% nos preços reais ao comparar semestres equivalentes, mesmo com a previsão de um aumento de 8,0% na produção anual. Desde o início do ano, os pesquisadores da equipe Ovos/Cepea previam a superação do recorde de oferta de ovos registrado em 2023, o que traria pressões sobre os preços e, conseqüentemente, sobre o poder de compra dos avicultores em relação a insumos importantes. O segundo trimestre começou com uma acentuada queda nos preços dos ovos devido à demanda enfraquecida em abril, após o término da Quaresma. As condições climáticas também tiveram um impacto significativo na dinâmica do mercado: em maio, as chuvas e enchentes no Rio Grande do Sul afetaram o escoamento da produção e a logística de insumos e entrega de ovos, agravando as dificuldades de negociação no estado. Ao longo de junho, o mercado mostrou sinais de recuperação, com vendas mais aquecidas na primeira quinzena, impulsionadas pelo clima frio, o que elevou os preços. No entanto, com a

aproximação das férias escolares, a expectativa era de novas quedas nos preços, já que a demanda por proteína tende a diminuir nesse período.

Em relação à suinocultura, a projeção indica queda de 6,42%, reflexo dos preços reais 6,71% menores, na comparação entre semestres iguais, tendo em vista o ligeiro aumento de 0,31% esperado para a produção anual. Comparativamente ao relatório anterior, cujo levantamento contemplava informações até março, nota-se movimento de recuperação, em virtude da reação dos preços reais em alguns meses do segundo trimestre. Levantamento da equipe de Suínos/Cepea mostra que, em abril, o mercado foi caracterizado pela baixa demanda interna e pela oferta elevada de animais, resultando em queda dos preços do suíno vivo em quase todas as regiões monitoradas pelo Centro de Pesquisas. O incremento da oferta veio da região Sul, que representa o maior polo produtor do País, o que forçou produtores a reduzir os preços nas demais localidades a fim de manter a liquidez do mercado. No front externo, as exportações brasileiras de carne suína registraram forte avanço, com o segundo maior volume histórico de exportação, o que ajudou a conter a queda dos preços domésticos. Em maio, o mercado foi marcado por um comportamento misto. Na primeira quinzena, a demanda aumentou devido ao início do mês, quando geralmente são pagos os salários, e às vendas impulsionadas pela comemoração do Dia das Mães, o que garantiu um avanço na média mensal dos preços, apesar da desvalorização significativa na segunda metade do mês. As exportações de carne suína recuaram em maio após o recorde de abril, mas a queda foi atribuída ao menor número de dias úteis e não a um possível enfraquecimento da demanda externa. Em junho, o mercado de suínos mostrou recuperação, com os preços dos produtos suínícolos fechando o mês em alta, o segundo avanço consecutivo. A valorização foi sustentada pelo bom desempenho das exportações e pela forte demanda doméstica, especialmente na primeira metade do mês. Além disso, a oferta de animais com peso ideal para abate estava reduzida, o que contribuiu para manter os preços elevados. As exportações também retomaram o crescimento, apesar da queda significativa nos envios para a China, o que foi compensado por aumento nas compras de outros países.

SEGMENTO INDUSTRIAL: Agroindústria recua no primeiro semestre, pressionada por preços menores

O PIB da agroindústria brasileira apresentou recuo modesto de 0,62% no segundo trimestre, acumulando queda de 1,93% no primeiro semestre do ano (Tabelas 1 e 2). Para a indústria de base agrícola, o recuo de 0,97% do PIB no segundo trimestre resultou em queda acumulada de 3,79% nos seis primeiros meses de 2024. Já para a indústria de base pecuária, o PIB avançou 0,99% no segundo trimestre e 5,29% no primeiro semestre do ano.

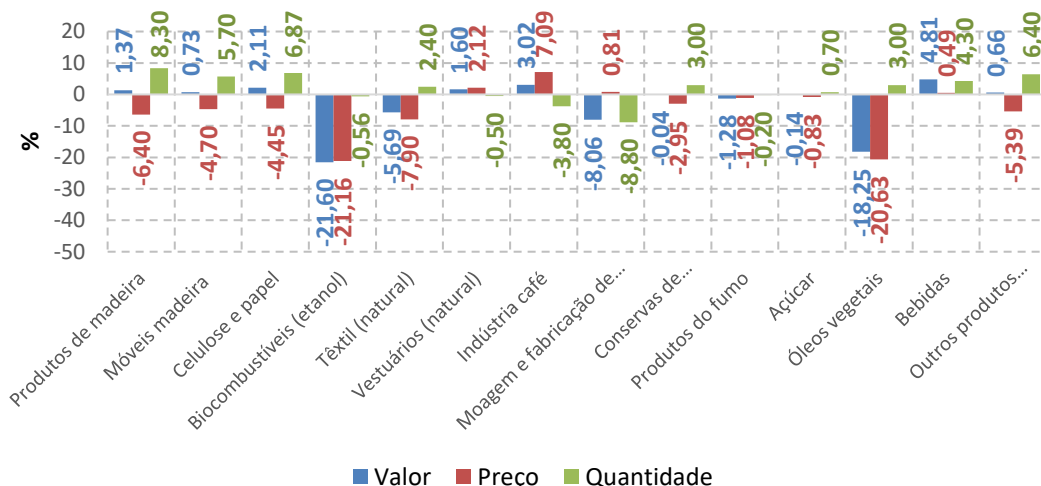
Na indústria agrícola, o PIB caiu, devido à redução de preços dos produtos agroindustriais. Na indústria pecuária, o crescimento foi impulsionado pela ampliação da produção aliada à redução de custos. Especificamente, quanto aos valores brutos da produção, no ramo agrícola, espera-se queda de 4,93% no ano, com preços médios 7,53% menores e expectativa de aumento da produção em 2,81%; no ramo pecuário, a estimativa é de crescimento do valor bruto da produção anual de 1,03%, com preços 8,57% menores e aumento de 10,49% na produção.

No acompanhamento feito pelo Cepea para a evolução do PIB, as indústrias de base agrícola para as quais se espera crescimento do valor bruto da produção em 2024 são apenas: bebidas, indústria do café, celulose e papel, vestuários, outros produtos alimentares e produtos e móveis de madeira. Já para as indústrias de açúcar, biocombustíveis, óleos

vegetais, têxteis, produtos do fumo, moagem e fabricação de amiláceos e conservas de frutas, legumes e outros vegetais, espera-se queda de valor bruto da produção (Figura 3).

No caso do açúcar, a modesta queda esperada de 0,14% no valor bruto da produção anual é resultado tanto da produção esperada 0,70% maior, quanto dos preços 0,83% menores na comparação entre semestres iguais. Para a atual temporada, a Conab prevê maior alocação da cana-de-açúcar para a produção de açúcar em detrimento ao etanol. Isso se deve principalmente à maior competitividade do adoçante brasileiro no mercado internacional em face da diminuição da oferta por parte de importantes países produtores e exportadores. Quanto aos preços, a equipe Açúcar/Cepea aponta que, no primeiro trimestre, as cotações foram sustentadas pelo avanço da entressafra e pela consequente redução na oferta do cristal, especialmente dos tipos de melhor qualidade. Adicionalmente, a valorização do demerara na Bolsa de Nova York também contribuiu para impulsionar as cotações internas e fez, inclusive, com que as exportações brasileiras de açúcar recuperassem a vantagem sobre as vendas internas. No segundo trimestre, embora tenham permanecido firmes em maio, devido à restrição de oferta, os preços recuaram, resultado da maior disponibilidade de açúcar no mercado *spot* com a colheita e a moagem da cana-de-açúcar da safra 2024/25 avançando sem interrupções.

Figura 3. Agroindústrias de base agrícola: variação (%) anual do volume, dos preços reais e do valor bruto da produção - 2024/2023 com informações até junho



Fontes: Cepea/USP e CNA (a partir de dados Cepea, IBGE e Conab).

Em relação à produção de biocombustíveis, a previsão de redução de 21,60% no valor bruto da produção é resultado tanto da diminuição de 21,16% nos preços reais, quando comparados os períodos de janeiro a junho de 2023 e 2024, quanto da esperada queda de 0,56% na produção anual. Segundo a Conab, com a menor disponibilidade de matéria-prima e diminuição da competitividade do biocombustível frente ao açúcar, espera-se redução do volume total de etanol produzido. Entretanto, destaca-se que se projeta maior produção de etanol de milho – que pode crescer 17,3%. De acordo com a equipe Etanol/Cepea, os preços dos etanóis aumentaram no primeiro trimestre de 2024, impulsionados pela demanda aquecida devido à boa vantagem competitiva do biocombustível nas bombas. No segundo trimestre, a menor oferta, o aquecimento da demanda por parte de distribuidoras e a postura firme de vendedores mantiveram as cotações em alta. Além disso, agentes de usinas estiveram atentos à atratividade das vendas de açúcar ao mercado externo, influenciadas,

por sua vez, pela forte desvalorização do Real frente ao dólar. A equipe ainda ressalta que a procura na ponta varejista, sobretudo do estado de São Paulo, se mantém firme, sustentada pelo cenário vantajoso do biocombustível frente à gasolina. Nas bombas, a paridade média entre os preços do hidratado e da gasolina C segue na casa dos 64%, percentual bem atrativo para que o consumidor opte pelo biocombustível.

Para a indústria de óleos vegetais, a redução do valor bruto da produção esperada (-18,25%) reflete as quedas nos preços reais (-20,63%) na comparação entre janeiro a junho de 2023 e de 2024, uma vez que se projeta expansão da produção anual (3,00%). Segundo a equipe Soja/Cepea, apesar de os preços terem seguido tendência de queda nos dois primeiros meses do ano, o aumento das negociações e a valorização do prêmio de exportação evitaram uma retração mais acentuada. Em março, as cotações foram impulsionadas pela maior demanda doméstica, sobretudo por parte de indústrias do setor alimentício. Segundo a equipe do Cepea, os representantes dessas fábricas demonstraram interesse em adquirir volumes para o médio prazo, atentos às previsões de crescimento na produção de biodiesel no Brasil. No segundo trimestre, os preços avançaram devido às maiores demandas interna e externa. Alguns setores da Argentina (maior exportadora mundial de farelo e de óleo de soja) entraram em greve em maio, deslocando importadores para o Brasil (segundo maior abastecedor global desses produtos), o que acirrou ainda mais a disputa entre consumidores domésticos e estrangeiros. Adicionalmente, demandantes globais de óleo de soja estiveram em alerta, visto que o cenário climático no Rio Grande do Sul era bastante preocupante.

A Tabela 5 apresenta as dinâmicas observadas para as atividades que compõem o segmento agroindustrial de base pecuária. Dentre as atividades, apenas a indústria de laticínios apresentou projeção de queda do valor bruto da produção para este ano.

Tabela 5. Agroindústrias de base pecuária: variação (%) anual do volume, dos preços reais e do valor bruto da produção - 2023/2022 com informações até junho

	Couro e calçados	Abate e preparação carnes e pescado	Laticínios
Valor	3,03	1,82	-2,60
Preço	-0,32	-9,46	-3,75
Quantidade	3,37	13,17	1,20

Fontes: Cepea/USP e CNA (a partir de dados Cepea e IBGE).

Na indústria de abate e preparação de carnes e pescado, projeta-se crescimento de 1,82% no valor bruto da produção anual, o que se deve à expectativa de aumento de 13,17% na produção anual, tendo em vista a redução de 9,46% nos preços reais quando comparados aos mesmos semestres. No que diz respeito à carne bovina, o segundo trimestre foi marcado por queda nos preços, apesar das tentativas dos pecuaristas de minimizar essa retração, como a retenção de animais no pasto. Esse cenário reflete a alta oferta em contraste com a ainda fraca demanda interna. Segundo a Conab, a produção de carne bovina no Brasil deve atingir um novo recorde, impulsionada pelo ciclo pecuário, que vive o auge do descarte de fêmeas. A queda nos preços da carne bovina não foi mais expressiva por conta do aumento de 25,77% nas exportações, conforme dados da Secex, ao comparar os semestres. O mercado

de carnes suínas e avícolas segue tendência similar, com preços em queda em função da oferta abundante. No entanto, ao final do semestre, os preços da carne suína mostraram certa recuperação, impulsionados pela demanda aquecida, tanto interna quanto externa, e pela redução de animais com peso ideal para abate. Já na avicultura de corte, o cenário aponta para relativa estabilidade na produção.

Para a indústria de laticínios, a projeção aponta queda de 2,60% no valor bruto da produção anual, resultado da retração de 3,75% nos preços reais em comparação a períodos equivalentes. No entanto, espera-se crescimento de 1,20% na produção anual. Levantamento da equipe de Leite/Cepea mostra que, após três meses consecutivos de alta, o aumento nos preços dos derivados perdeu fôlego em abril, em parte devido à pressão exercida pelos distribuidores. De acordo com a equipe Leite/Cepea, as indústrias têm encontrado dificuldades em repassar o aumento dos preços do leite nas negociações com os distribuidores, em razão da demanda enfraquecida da população. Além disso, o crescimento das importações continua pressionando o mercado lácteo nacional. Em maio, houve aumento na demanda por derivados lácteos, embora abaixo do esperado, o que impulsionou os preços. As enchentes no Rio Grande do Sul – que causaram perdas de produtos e estoques, além de problemas logísticos – juntamente com a redução das importações também reforçaram a valorização dos produtos nacionais. Em junho, os preços médios dos derivados lácteos subiram, especialmente na primeira quinzena, mas a demanda fraca e a pressão dos distribuidores na segunda metade do mês estabilizaram os valores.

SEGMENTO DE SERVIÇOS: Agrosserviços recuam novamente no segundo trimestre

No segundo trimestre de 2024, o PIB dos serviços do agronegócio brasileiro apresentou retração de 1,15%, resultado das diminuições de 1,40% nos serviços agropecuários agrícolas e de 0,16% nos serviços agropecuários pecuários. No acumulado do ano, o segmento registrou queda de 2,74% no PIB, com os serviços agrícolas recuando 5,39%, enquanto os serviços pecuários avançaram 3,78%. O desempenho dos agrosserviços reflete as baixas observadas nos demais segmentos, tanto agrícolas quanto pecuários. No setor agrícola, a redução da produção de culturas importantes, como soja e milho, associada à diminuição do volume exportado e à retração dos preços reais, tem impactado a demanda por serviços como frete, armazenamento, além de serviços bancários e administrativos. No setor pecuário, embora os preços tenham recuado, a oferta de animais aumentou, especialmente na bovinocultura, o que contribuiu para manter a demanda por agrosserviços e mitigar a queda no setor. Uma dinâmica semelhante foi registrada na agroindústria.

Mesmo diante de problemas nas safras, em especial devido ao clima, o agronegócio manteve sua relevância, impulsionando o crescimento do volume de fretes no semestre. A soja destacou-se por movimentar grande quantidade de fretes em todo o País, apesar da queda da produção. Ademais, de acordo com o Boletim Logístico da Conab, em junho já havia movimentações significativas de insumos agrícolas para atender ao plantio da próxima safra, após o término do plantio da segunda safra de milho e das lavouras de inverno no Brasil.

CONCLUSÕES

O PIB do agronegócio brasileiro continua a mostrar sinais de retração, com queda de 1,28% no segundo trimestre, acumulando redução de 3,50% no ano, refletindo as pressões

sobre os preços, que vêm sendo observadas desde 2023. No segundo trimestre, o PIB do ramo agrícola caiu 1,22%, semelhantemente ao ramo pecuário, cuja retração foi de 1,20%. No semestre, a queda acentuada no ramo agrícola, de 5,10%, é um dos fatores principais para o resultado do setor, haja vista o ligeiro crescimento de 0,5% do ramo pecuário, que, por sua vez, esteve atrelado principalmente ao desempenho positivo no segmento agroindustrial e de agrosserviços. Com isso, e considerando também o desempenho da economia brasileira como um todo até o momento, o PIB do agronegócio pode responder por cerca de 21,8% do PIB do Brasil no ano, abaixo dos 24,0% observados em 2023.

O resultado do agronegócio foi impactado, sobretudo, pela queda nos preços e pela redução da produção de importantes produtos do setor, com destaque para a agricultura dentro da porteira. Em contrapartida, o ramo pecuário atenuou o impacto negativo, principalmente devido ao desempenho favorável dos segmentos agroindustrial e de agrosserviços.

Sob a perspectiva dos segmentos do setor, o PIB dos insumos apresentou retração de 2,68% no segundo trimestre, acumulando queda de 8,13% no semestre. Esse desempenho foi prejudicado pela redução do valor bruto da produção, impactada principalmente pela desvalorização dos fertilizantes, defensivos, máquinas agrícolas e rações. Além disso, as indústrias de defensivos, máquinas agrícolas e rações também apresentaram retrações nas expectativas de produção.

O PIB do segmento primário do agronegócio recuou 1,77% no segundo trimestre, resultado de quedas de 0,67% no ramo agrícola e de 3,74% no ramo pecuário. No acumulado do ano, o segmento registra retração de 5,11%, com o ramo agrícola declinando 4,69% e o pecuário, 5,92%. Apesar da redução nos custos de insumos, o desempenho da agricultura foi impactado pela desvalorização de commodities importantes, como algodão, café, milho, soja e trigo, além das previsões de retração na produção anual, com destaque para as retrações esperadas em milho e soja. No ramo pecuário, o resultado foi influenciado pela expectativa de menor valor de produção anual, devido à queda nos preços de atividades relevantes, como a criação de bovinos para corte e leite, suinocultura e avicultura de postura. Todavia, a expansão na produção de bovinos, ovos e leite ajudou a atenuar o declínio no segmento.

O PIB do segmento agroindustrial caiu 0,62%, decorrente da retração de 0,97% nas agroindústrias de base agrícola, enquanto o setor pecuário apresentou crescimento de 0,99%. No acumulado do ano, a queda do segmento foi de 1,93%, resultado da retração das agroindústrias de base agrícola, que encolheram 3,79%, enquanto as agroindústrias do ramo pecuário acumulam avanço, de 5,29%. No ramo agrícola, a diminuição do PIB foi atribuída, sobretudo, à queda dos preços, ainda que tenha ocorrido aumento na produção industrial e redução nos custos de insumos. Já no pecuário, apesar da pressão provocada pela diminuição dos preços, o PIB foi sustentado pelo crescimento projetado na produção de carnes e pescados, couro e calçados, e, em menor escala, de laticínios.

Por fim, o segmento de agrosserviços apresentou queda de 1,15% no PIB, acumulando retração de 2,74% no ano. No ramo agrícola, os agrosserviços registraram baixas de 1,40% no trimestre e de 5,39% no acumulado do ano; já no ramo pecuário, houve leve recuo de 0,16% no trimestre, mas avanço de 3,78% no acumulado do ano. Esses resultados, de forma geral, refletem as dinâmicas observadas nos demais segmentos do agronegócio.

ANEXO I – EVOLUÇÃO MENSAL DO PIB DO AGRONEGÓCIO

A1) PIB DO AGRONEGÓCIO: TAXAS DE VARIAÇÃO MENSAL E ACUMULADO DO PERÍODO (EM %)

AGRONEGÓCIO						
Mês	Insumos	Primário	Indústria	Agrosserviços	Total	
jun/23	-2,54	-0,29	0,00	0,18	-0,16	
jul/23	-2,38	-0,43	-0,37	-0,21	-0,45	
ago/23	-2,07	-0,75	-0,17	-0,09	-0,42	
set/23	-2,24	-0,70	-0,09	-0,29	-0,48	
out/23	-2,13	-1,07	-0,39	-0,47	-0,72	
nov/23	-2,21	-0,29	-0,61	-0,51	-0,58	
dez/23	-2,40	1,29	-0,91	-0,39	-0,19	
jan/24	-1,59	-0,75	-0,25	-0,27	-0,46	
fev/24	-1,52	-1,30	-0,06	-0,26	-0,56	
mar/24	-2,60	-1,40	-1,02	-1,09	-1,24	
abr/24	-1,40	-1,01	-0,11	-0,46	-0,57	
mai/24	-1,59	-0,56	-0,49	-0,53	-0,59	
jun/24	0,30	-0,21	-0,02	-0,16	-0,12	
Acumulado (jan-jun)	-8,13	-5,11	-1,93	-2,74	-3,50	

RAMO AGRÍCOLA						
Mês	Insumos	Primário	Indústria	Agrosserviços	Total	
jun/23	-3,42	0,19	-0,13	-0,09	-0,25	
jul/23	-2,64	0,07	-0,45	-0,36	-0,44	
ago/23	-2,62	0,17	-0,36	-0,30	-0,36	
set/23	-3,02	0,48	-0,18	-0,37	-0,29	
out/23	-2,40	-0,77	-0,82	-1,08	-1,04	
nov/23	-2,82	0,32	-1,01	-1,04	-0,83	
dez/23	-3,54	2,91	-1,25	-0,71	-0,16	
jan/24	-2,26	-0,88	-0,79	-1,10	-1,02	
fev/24	-2,15	-1,71	-0,59	-1,16	-1,20	
mar/24	-3,63	-1,50	-1,49	-1,85	-1,76	
abr/24	-1,40	-1,14	-0,35	-0,83	-0,81	
mai/24	-2,44	0,14	-0,66	-0,66	-0,55	
jun/24	0,38	0,33	0,05	0,08	0,14	
Acumulado (jan-jun)	-11,00	-4,69	-3,79	-5,39	-5,10	

RAMO PECUÁRIO						
Mês	Insumos	Primário	Indústria	Agrosserviços	Total	
jun/23	-0,05	-1,08	0,59	0,96	0,07	
jul/23	-1,54	-1,25	0,01	0,21	-0,46	
ago/23	-0,46	-2,34	0,69	0,49	-0,57	
set/23	-0,02	-2,76	0,29	-0,04	-0,97	
out/23	-1,24	-1,56	1,46	1,21	0,11	
nov/23	-0,42	-1,34	1,11	0,91	0,06	
dez/23	0,75	-1,58	0,51	0,45	-0,25	
jan/24	-0,08	-0,50	1,67	1,58	0,84	
fev/24	-0,12	-0,58	1,85	1,72	0,91	
mar/24	-0,41	-1,20	0,68	0,60	-0,03	
abr/24	-1,22	-0,78	0,87	0,49	0,04	
mai/24	0,27	-1,80	0,23	-0,11	-0,58	
jun/24	0,26	-1,21	-0,12	-0,54	-0,66	
Acumulado (jan-jun)	-1,30	-5,92	5,29	3,78	0,50	

FONTE: CEPEA/USP E CNA.

A2) PIB DO AGRONEGÓCIO: PARTICIPAÇÕES DOS SEGMENTOS (EM %)

AGRONEGÓCIO					
Mês	Insumos	Primário	Indústria	Agrosserviços	Total
jun/23	5,5%	27,8%	23,3%	43,4%	100,0%
jul/23	5,5%	27,7%	23,4%	43,4%	100,0%
ago/23	5,6%	27,4%	23,4%	43,6%	100,0%
set/23	5,6%	27,3%	23,5%	43,6%	100,0%
out/23	5,6%	27,2%	23,6%	43,6%	100,0%
nov/23	5,7%	27,2%	23,5%	43,6%	100,0%
dez/23	5,6%	27,6%	23,3%	43,4%	100,0%
jan/24	4,9%	26,8%	23,9%	44,4%	100,0%
fev/24	5,0%	26,1%	24,3%	44,7%	100,0%
mar/24	4,9%	26,4%	24,2%	44,5%	100,0%
abr/24	4,9%	26,4%	24,3%	44,4%	100,0%
mai/24	5,0%	26,7%	24,1%	44,2%	100,0%
jun/24	5,1%	26,8%	24,0%	44,1%	100,0%
RAMO AGRÍCOLA					
Mês	Insumos	Primário	Indústria	Agrosserviços	Total
jun/23	5,5%	24,3%	26,3%	44,0%	100,0%
jul/23	5,5%	24,3%	26,2%	43,9%	100,0%
ago/23	5,5%	24,3%	26,2%	43,9%	100,0%
set/23	5,5%	24,4%	26,3%	43,8%	100,0%
out/23	5,6%	24,3%	26,3%	43,8%	100,0%
nov/23	5,6%	24,5%	26,3%	43,6%	100,0%
dez/23	5,6%	25,1%	26,0%	43,4%	100,0%
jan/24	4,8%	25,5%	26,7%	43,0%	100,0%
fev/24	4,9%	24,5%	27,3%	43,3%	100,0%
mar/24	4,7%	25,0%	27,2%	43,1%	100,0%
abr/24	4,8%	24,7%	27,2%	43,2%	100,0%
mai/24	4,8%	25,2%	26,9%	43,1%	100,0%
jun/24	4,9%	25,3%	26,7%	43,1%	100,0%
RAMO PECUÁRIO					
Mês	Insumos	Primário	Indústria	Agrosserviços	Total
jun/23	5,7%	37,0%	15,6%	41,8%	100,0%
jul/23	5,6%	36,6%	15,7%	42,1%	100,0%
ago/23	5,7%	35,8%	16,0%	42,6%	100,0%
set/23	5,8%	35,1%	16,2%	42,9%	100,0%
out/23	5,7%	34,7%	16,4%	43,2%	100,0%
nov/23	5,7%	34,4%	16,5%	43,4%	100,0%
dez/23	5,8%	34,2%	16,5%	43,5%	100,0%
jan/24	5,1%	29,4%	18,1%	47,4%	100,0%
fev/24	5,1%	29,2%	18,2%	47,5%	100,0%
mar/24	5,2%	29,4%	18,1%	47,3%	100,0%
abr/24	5,1%	29,9%	18,1%	46,9%	100,0%
mai/24	5,4%	29,9%	18,1%	46,7%	100,0%
jun/24	5,5%	30,3%	18,0%	46,2%	100,0%

FONTE: CEPEA/USP E CNA.

A3) PIB-VOLUME DO AGRONEGÓCIO: TAXA ANUAL (EM %)*

PIB Volume do Agronegócio*					
	Insumos	Primário	Indústria	Agrosserviços	Total
Agronegócio	-4,96	-1,78	6,27	5,11	2,90
Ramo Agrícola	-7,61	-8,54	3,34	-0,24	-1,80
Ramo Pecuário	1,66	10,84	18,21	18,89	15,01

Fontes: Cepea/USP e CNA. *dados de junho.

- Nota técnica: O PIB Volume do Agronegócio trata-se do PIB do agronegócio calculado pelo critério de preços constantes. Resulta, portanto, a variação apenas do volume do PIB. Este é o indicador de PIB comparável às variações apresentadas pelo IBGE.

A4) PIB DO AGRONEGÓCIO - METODOLOGIA

O Relatório PIB do Agronegócio Brasileiro é uma publicação atualmente trimestral resultante da parceria entre o Centro de Estudos Avançados em Economia Aplicada (CEPEA), da Esalq/USP, e a Confederação da Agricultura e Pecuária do Brasil (CNA). O agronegócio é entendido como a soma de quatro segmentos: insumos para a agropecuária, produção agropecuária primária, agroindústria (processamento) e agrosserviços – como na Figura que segue. A análise desse conjunto de segmentos é feita para o ramo agrícola (vegetal) e para o pecuário (animal). Ao serem somados, com as devidas ponderações, obtém-se a análise do agronegócio.



Pelo critério metodológico do Cepea/Esalq-USP, o PIB do agronegócio é medido pela ótica do produto, ou seja, pelo Valor Adicionado (VA) total deste setor na economia. Ademais, avalia-se o VA a preços de mercado (consideram-se os impostos indiretos menos subsídios relacionados aos produtos). O PIB do agronegócio brasileiro refere-se, portanto, ao produto gerado de forma sistêmica na produção de insumos para a agropecuária, na produção primária e se estendendo por todas as demais atividades que processam e distribuem o produto ao destino final. A renda, por sua vez, se destina à remuneração dos fatores de produção (terra, capital e trabalho).

Após estimado o valor do PIB do agronegócio no ano-base, que desde janeiro/17 refere-se ao ano de 2010, parte-se para evolução deste valor de modo a se gerar uma série histórica, por meio de um amplo conjunto de indicadores de preços e produção de instituições de pesquisa e governamentais. Seja para a estimação anual do valor do PIB, ou para as reestimativas trimestrais, consideram-se informações a respeito da evolução do Valor Bruto da Produção (VBP) e do Consumo Intermediário (CI) dos segmentos do agronegócio. Pela evolução conjunta do VBP e do CI, estima-se o crescimento do valor adicionado pelo setor.

Com base nos procedimentos mencionados e processos adicionais realizados pelo Cepea, os cálculos do PIB do agronegócio resultam em dois indicadores principais, que retratam o comportamento do setor por diferentes óticas:

- **PIB-renda Agronegócio** (PIB analisado pelo Cepea e pela CNA em seus relatórios): reflete a renda real do setor, sendo consideradas no cálculo variações de volume e de preços reais, sendo estes deflacionados pelo deflator implícito do PIB nacional.
- **PIB-volume Agronegócio**: PIB do agronegócio pelo critério de preços constantes. Resulta daí a variação apenas do volume do PIB. Este é o indicador de PIB comparável às variações apresentadas pelo IBGE.

Trimestralmente, o foco de análise é o **PIB-renda Agronegócio**, que reflete a renda real do setor. **Por conveniência textual, o PIB-renda do agronegócio é denominado apenas**

como PIB do Agronegócio ao longo destes relatórios. Destaca-se que as taxas calculadas para cada período consideram igual período do ano anterior como base, exceto para as quantidades referentes às safras agrícolas, para as quais computa-se a previsão de safra para o ano (frente ao ano anterior).

Importante também destacar que cada relatório considera os dados disponíveis até o seu fechamento. Em edições futuras, ao serem agregadas informações mais atualizadas, há a possibilidade, portanto, de ocorrer alteração dos resultados, tanto no que se refere ao período corrente, como também ao que se refere a períodos e anos passados. **Recomenda-se, portanto, sempre o uso do relatório mais atualizado.**

Confederação da Agricultura e Pecuária do Brasil – CNA:

Bruno Barcelos Lucchi – Diretor Técnico

Maciel Aleomir da Silva – Diretor Técnico Adjunto

Núcleo Econômico

Renato Conchon – Coordenador

Elisângela Pereira Lopes – Assessora Técnica

Isabel Mendes de Faria – Assessora Técnica

Guilherme Augusto Costa Rios – Assessor Técnico

Kamila Gomes Soares – Assessoria Técnica

Maria Angélica Echer Ferreira Feijó – Assessora Técnica

Centro de Estudos Avançados em Economia Aplicada – CEPEA:

Geraldo Sant'Ana de Camargo Barros, Ph.D – Coordenador

Pesquisadores Macroeconomia:

Nicole Rennó Castro, Dra.

Gabriel Costeira Machado, Dr.

Felipe Miranda de Souza Almeida, Dr.

Adriana Ferreira Silva, Dra.

Arlei Luiz Fachinello, Dr.